



## Constituição e sexuação: interrogações clínicas

**Fernanda de Souza Borges**

Doutoranda no Programa de Teoria Psicanalítica da UFRJ

O trabalho faz parte da pesquisa de doutorado realizada pela autora, ainda em curso

Email: feborges.psi@gmail.com

---

**Resumo:** Neste trabalho partimos da premissa de que a constituição do sujeito como produto dos efeitos do significante é solidária à assunção de uma posição sexuada. Esta, por sua vez, é efeito da subjetivação de tal incidência. Desse modo, temos o objetivo, neste momento, de percorrer algumas das teorizações que sustentam a tensão entre os termos constituição/sexuação, com ênfase nas contribuições de Freud a respeito do funcionamento mental e do complexo de Édipo e de Lacan, em especial suas contribuições a respeito do Édipo, função paterna e significação fálica. Acreditamos ser possível encontrar nos processos subjacentes à constituição do sujeito os elementos que demarcam ao longo desse percurso a dissimetria estrutural de homens e mulheres para circunscrever e subjetivar o gozo. Advertimos que o ser sexuado não é o mesmo que o sujeito do inconsciente. Porém, estamos certos de que há uma profunda solidariedade entre a constituição de um sujeito falante e as possibilidades da posição sexuada.

**Palavra-chave:** Constituição do sujeito, sexuação, metáfora paterna.

---

**Constitution et sexuation: questions cliniques:** Dans cet article, nous partons de la prémisse que la constitution du sujet en tant que produit des effets du signifiant est en solidarité avec l'hypothèse d'une position sexuelle, qui à son tour est l'effet de la subjectivation d'une telle incidence. Ainsi, nous avons en ce moment l'objectif de passer en revue certaines des théorisations qui soutiennent la tension entre les termes constitution / sexuation, en mettant l'accent sur les contributions de Freud sur le fonctionnement mental et le complexe d'Œdipe et de Lacan, en particulier ses contributions sur Œdipe, la fonction paternelle et la signification phallique. Nous pensons qu'il est possible de retrouver dans les processus sous-jacents à la constitution du sujet les éléments qui délimitent le long de cette voie la dissymétrie structurelle des hommes et des femmes pour circonscrire et subjectiver la jouissance. Nous vous avertissons que l'être sexuel n'est pas le même que le sujet de l'inconscient. Cependant, nous sommes sûrs qu'il existe une profonde solidarité entre la constitution d'un sujet parlant et les possibilités de la position sexuelle.

**Mots-clés:** Constitution du sujet, sexuation, métaphore paternelle.

---

**Constitution and sexuation: clinical issues:** In this work we start from the premise that the constitution of the subject as a product of the effects of the signifier is solidary to the assumption of a sexual position, this in turn, effect of the subjectivation of such incidence. In this way, we have the objective, at this moment, to explore some of the theories that support the tension between the terms constitution / sexuation, with emphasis on Freud's contributions to the mental and complex functioning of Oedipus and Lacan, especially their contributions about Oedipus, paternal function, and phallic signification. We believe that it is possible to find in the processes underlying the constitution of the subject the elements that demarcate along this path the structural asymmetry of men and women to circumscribe and subjectivate enjoyment. We are warned that being sexed is not the same as the subject of the unconscious. However, we are certain that there is a deep solidarity between the constitution of a speaking subject and the possibilities of the sexual position.

**key-words:** constitution, sexuation, paternal metaphor.

## **Constituição e Sexuação: interrogações clínicas**

*Fernanda de Souza Borges*

Neste trabalho partimos da premissa de que a constituição do sujeito como produto dos efeitos do significante é solidária à assunção de uma posição sexuada. Esta, por sua vez, é efeito da subjetivação de tal incidência. Desse modo, temos o objetivo, neste momento, de percorrer algumas das teorizações que sustentam a tensão entre os termos constituição/sexuação, com ênfase nas contribuições de Freud a respeito do funcionamento mental e do complexo de Édipo e de Lacan, em especial suas contribuições a respeito do Édipo, função paterna e significação fálica.

Acreditamos ser possível encontrar nos processos subjacentes à constituição do sujeito os elementos que demarcam ao longo desse percurso a dissimetria estrutural de homens e mulheres para circunscrever e subjetivar o gozo. O modo como homens e mulheres inscrevem o real do sexo é absolutamente diferente, de modo que ao final do ensino de Lacan isso pode ser expresso pelo aforisma da não relação sexual. Estamos advertidos para o fato de que o ser sexuado não é o mesmo que o sujeito do inconsciente. Porém, estamos certos de que há uma profunda solidariedade entre a constituição de um sujeito falante e as possibilidades da posição sexuada. Além dos pontos de conjunção, em que um não vai sem o outro, é preciso demarcar os pontos de disjunção uma vez que as identificações sexuadas assim como as escolhas de objeto não são elementos de uma determinada estrutura e sim, existem nas várias formas em qualquer estrutura clínica.

No percurso da constituição do sujeito, encontramos-nos necessariamente com o lugar do Pai como operador fundamental de certos giros que permitem aparelhar o corpo vivo de modo que sua presença no mundo não seja demasiado anticivilizatória. Nesse sentido, ao longo de nosso percurso a respeito da constituição/sexuação buscamos abordar um conjunto das formas em que a função do Pai se apresenta - dado que na obra de Freud e Lacan podemos encontrar o Pai por vários ângulos - na tentativa de extrair o mais essencial de sua função.

Pois bem, para tal empreitada, fincamos nossos pés na obra freudiana e no aparelho psíquico por ele formulado, desde sempre um aparelho linguageiro, e sustentamos que é sobre tal estrutura que se edificam os pilares da constituição e da sexuação. Quais operações lógicas fundamentais devem ocorrer para que de um sujeito, efeito do significante, possamos falar também em posição sexuada? Em que medida a diferença sexual é gerada pela linguagem e em que medida podemos reduzi-la à diferença significante? Apoiados no conceito fundamental de pulsão - conceito paradigmático em Freud - podemos afirmar: não é sem corpo que um sujeito pode advir.

Na base do sujeito está o significante. Afirma Lacan (1964/2008) que "a linguística, cujo modelo é o jogo combinatório operando em sua espontaneidade, sozinho, de maneira pré-

subjetiva – é esta estrutura que dá seu estatuto ao inconsciente” (pp.28). Esse processo de passagem da natureza à cultura é um processo caro ao sujeito, nas duas acepções do termo - custoso e estimado. “Mas para que essa operação possa produzir-se (...) é bem preciso que eu pague alguma coisa. (...) Essa alguma coisa se chama gozo. Essa operação mística, pago-a com uma libra de carne” (Lacan, 1959-1960/2008, pp. 376).

Acreditamos encontrar tal “afinidade entre os enigmas da sexualidade e o jogo do significante” (Lacan, 1964/2008) no conceito freudiano de pulsão, que muito antes do texto *Pulsões e destinos da pulsão* (Freud, 1915/2004) já se apresentava sob a forma de uma quantidade incômoda que dá partida ao surgimento de um aparelho de captura, e cujo resíduo de seu funcionamento é a função do desejo.

Desenvolvemos em outro momento (Borges, 2018) como Freud definiu que a experiência de satisfação, em conjunto com a instalação do princípio de realidade e as funções do juízo, constitui-se como momento mítico que permite ao sujeito a estratégia - diremos, a mais humana possível - de recorrer ao objeto de sua satisfação através do símbolo. Freud desenvolveu longamente esse processo no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1950/1996b) e no capítulo 7 da *Interpretação dos Sonhos* (1900/1996a). A experiência alucinatória e seus desdobramentos (fantasia, pensamento, etc.) demonstram que o objeto é trazido à baila a partir do reinvestimento em sua marca significante, traço mnêmico nos termos de Freud. Entendemos que o resto dessa experiência é um sujeito que acessa a satisfação via linguagem, ao preço que o objeto desta mesma, esteja para sempre perdido para o significante.

As proposições freudianas contidas aí expressam uma particularidade do objeto e da realidade em psicanálise, posto que o objeto da satisfação não é um dado da realidade, mas um conjunto de traços recuperados e inscritos ao longo das vivências de satisfação. Por isso Freud utiliza o termo *Objekt* e não *Gegenstand* (segundo Garcia-Roza (1995) o termo *Objekt* designa “uma representação complexa, síntese de sensações elementares provenientes das coisas do mundo” (p.93) e guarda ressonâncias com a teoria kantiana. *Gegenstand*, por sua vez caracteriza objetos do mundo, que se oferecem à percepção). É a particularidade do objeto que fará com que no processo de sua recuperação via alucinação, ele esteja sempre a escapar, impedindo assim a consecução da identidade buscada.

A pulsão é, para Freud “um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo” (1915/2004, pp. 148). Podemos considerar, que o trabalho que a pulsão exige é o trabalho de representar e recuperar o objeto da satisfação de modo a, por um lado, perdê-lo para sempre e , por outro, registrar e fixar sua marca nas bordas do corpo. Esse processo promove a transformação das necessidades instintuais em pulsionais, operando uma mudança de qualidade no funcionamento psíquico.

Pois bem, com Lacan podemos afirmar que a transformação do instinto em pulsão é um processo que ocorrerá pela entrada do Outro, tesouro dos significantes, numa operação chamada por ele "alienação" (1964/2008), retomando o termo hegeliano. A alienação caracteriza um tempo inicial que se sucede à chegada de um recém-nascido ao mundo, corpo vivo que "pega o bonde andando": o bonde do desejo que o precedeu e de todo o sistema simbólico que está no mundo muito antes dele e assim permanecerá muito depois que se for.

O sujeito pega o bonde como pode. Nas ausências materna, recupera o traço deixado por sua presença, traço unário que carrega a marca do objeto, de modo a recuperar a própria experiência de satisfação nessa estratégia. Instala-se desde cedo uma ritmicidade sincopada da satisfação, presença e ausência *de satisfação*. Não mais o ritmo da natureza, mas da pulsão, cuja premência, desde Freud é constante.

A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo. A primeira coisa que diz Freud da pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante. (Lacan, 1964/2008, pp. 163).

Podemos supor, com Freud, que o trabalho que a pulsão exige ao psíquico é o mesmo que, paradoxalmente, instala o aparelho psíquico como tal. Trabalho de captura e representação, de modo a enlaçar corpo e linguagem, "momento da origem, no qual, em vias de se constituir sujeito, o ser é capturado nas teias da linguagem e diz seu primeiro sim ao significante" (Maroca de Castro, 2018, pp.6).

Esse momento inaugural é acompanhado da perda do objeto, que será objeto perdido para e desde sempre. Ele só pode ser reencontrado ao preço de constatar: "não era isso". "Essa é a primeira forma sob a qual, em Freud, aparece a relação de objeto" (Lacan, 1956-1957/1995, pp.13). O tema do objeto perdido é fundamental para os desenvolvimentos que se seguirão; toda a estrutura do sujeito se organiza em torno desse furo gerado pela linguagem. É em torno do vazio deixado pelo objeto que decorrerão todos os desencontros que levam nossos sujeitos à análise e à comédia dos sexos, e o que ao final levou Lacan a formular a inexistência da relação sexual. "A ideia de um objeto harmônico, encerrado, por sua natureza, a relação sujeito-objeto, é perfeitamente contradita pela experiência - não diria nem mesmo a experiência analítica, mas a experiência comum das relações entre o homem e a mulher" (Lacan, 1956-1957/1995, pp.25). Isso porque desde que o significante entrou no mundo "estamos lascados"! (Lacan, 1969-1970/1992).

O instinto reprimido jamais desiste de lutar por sua completa satisfação, que consistiria na repetição de uma vivência primária de satisfação; todas as formações

substitutivas e reativas, todas as sublimações não bastam para suprimir sua contínua tensão, e da diferença entre o prazer de satisfação encontrado e o exigido resulta o fator impulsor que não admite a permanência em nenhuma das situações produzidas, mas, nas palavras do poeta, "sempre impele, indomável, para a frente (Freud, 1920/2010, pp.210).

Concluimos do trecho acima que a falta do objeto que faria as vezes de recuperar uma satisfação mítica constitui-se como condição de movimento indomável. Será no seminário 4 *A relação de objeto* que Lacan será categórico em dizer, portanto, que toda a relação possível à realidade será mediada pela *falta do objeto*, tendo definido pelo menos três categorias dessa falta: privação, frustração e castração.

Aos tempos lógicos da falta de objeto, Lacan acrescentou no seminário que se seguiu, *As formações do Inconsciente*, três tempos lógicos do Édipo, através dos quais torna-se possível articular as modalidades da falta de objeto com tempos da constituição subjetiva e modos de apresentação do pai.

Se toda realidade possível só poderá ser mediada pela falta do objeto e se tal falta é operativa e fruto da operação da linguagem, que já estava aí antes mesmo do sujeito pegar o bonde, isso denota de que a falta faz parte - parafraseando Freud a respeito da religião (1927) - "do inventário psíquico de uma civilização". Não à toa Lacan aponta que a existência de uma civilização pode ser datada a partir da confecção dos primeiros vasos de cerâmica, que circunscrevem o espaço produzindo um vazio que sem o contorno do vaso não existe (Lacan, 1962-1963/2005). Faz parte, portanto, da entrada nessa civilização a transmissão da falta: "em relação ao Outro, o sujeito dependente desse Outro inscreve-se como um cociente. É marcado pelo traço unário do significante no campo do Outro" (Lacan, 1962-1963/2005, pp.36), ou seja, o sujeito como cociente significa o sujeito como produto de uma operação de divisão, cujo resíduo Lacan chamará após o seminário 10 de objeto *a*.

A transmissão em psicanálise é uma operação no mínimo dupla: se por um lado o sujeito se aliena ao significante que advém do campo do Outro; por outro lado transmite-se o desejo, que provém do resto dessa operação, ou seja, aquilo que escapa ao campo da transmissão significativa mas nem por isso deixa de transmitir-se (Maroca de Castro, 2018). Sugerimos que tal transmissão, é o osso das facetas do pai: transmitir a falta, denominador comum da experiência dos sujeitos no mundo.

### **Privação, frustração e castração**

Retomando as categorias citadas por Lacan - privação, frustração e castração - a categoria da privação, segundo Pallion (2207) parece ser a mais problemática de todas. Segundo o autor, essa categoria, quando a consideramos a partir da falta gerada pela

linguagem, demonstra explicitamente a heterogeneidade do objeto que, conforme verificamos em Freud, tem uma face representada e outra não: "a primeira das duas faces, a simbólica, ocupa na privação o lugar das representações do objeto faltante, ao passo que a segunda, a real, intervém no lugar, rigorosamente distinto, da falta" (Pellion, 2007, pp. 206).

Desta feita, é possível supor uma privação na perda do objeto operada pela linguagem (o que leva o autor acima a propor uma relação entre a privação e a invenção do objeto *a*), que inscreve o significante unário enlaçando a pulsão no processo chamado por Freud recalque primário (Freud, 1915b/2004). Porém, tal categoria parece fazer parte da realidade do sujeito só posteriormente, dando-nos a impressão de dois tempos da privação, pois Lacan irá alocar a privação como descoberta da privação da mãe - solidária à descoberta da distinção sexual anatômica - que produz o endereçamento da criança ao pai na passagem do segundo ao terceiro tempo do Édipo.

Nominè (2014-2015) parece corroborar com esse ponto de vista, partindo especialmente dos desenvolvimentos de Lacan no seminário 9, *A identificação* - "na origem do traço significante, há uma etapa necessária de privação, uma confrontação com uma falta real" (pp.30). Lacan define a privação como "essencialmente uma falta real" (1956-1957/1995, pp.36). Por ora, portanto, vamos acompanhar Lacan nos desenvolvimentos do seminários 4 e 5, mas tendo no horizonte essa advertência sobre a categoria da privação que, nesses seminários, parece estar temporalmente localizada junto ao segundo tempo do Édipo e não numa fase pré-édipiana.

A frustração por sua vez, Lacan diz, só se faz falar dela! (1956-1957/1995). À inscrição do sujeito na linguagem corresponde sua entrada no universo da demanda, sendo a demanda o signo da alienação do sujeito à linguagem (Maroca de Castro, 2018). O grito da criança encontra naquele que ocupa o lugar materno uma interpretação, foi nisso que Freud (1911/2004) reconheceu o valor de comunicação que se adquire nas primeiras experiências de satisfação. Se inicialmente a criança chora por reflexo, posteriormente o faz para chamar a mãe. Porém, o jogo da demanda, tem um funcionamento: a demanda clama, em seguida, reclama, uma vez que desde cedo haverá dissimetria entre o objeto buscado e aquilo que se encontra.

Àquilo que Lacan chamou "dialética da frustração" (1956-1957) corresponde a tríade imaginária na qual a criança aparenta estar numa relação dual com a mãe, mas que não se fecha nessa dupla porque o falo comparece *para* a mãe. Isso leva Lacan a afirmar que aqui o falo não é elemento mediador, mas "terceiro".

Temos, por conseguinte, que essa modalidade da falta chamada frustração opera na medida em que tem lugar nesse momento a demanda e as "exigências desenfreadas e sem lei" (Lacan, 1956-1957/1995, pp.36). Por isso Lacan dizer que as crianças pedem a lua, o que dá o caráter exorbitante da demanda infantil (1957-1958/1999), derivado obviamente da voracidade

pulsional. Lacan define a frustração como uma falta imaginária cujo objeto é real. Imaginária porque nesse momento a criança ocupa para a mãe o lugar do falo imaginário que Lacan pontuou como sendo o primeiro tempo do Édipo (1957-1958/1999). A criança está ocupada em ser o reflexo do desejo materno. O que temos aqui, no primeiro tempo é que a criança *é o falo*, o que significa ao mesmo tempo que o falo, como objeto simbólico e operador da falta.

Quanto ao lugar do pai, no primeiro tempo do Édipo, sua presença é velada. Aqui, o Nome-do-Pai age por si pois já há a instalação do discurso e da lei, "mas a criança, por sua vez, só pesca o resultado" (Lacan, 1957-1958/1999, pp.198). Assim, temos como função do pai: discurso e lei. Isso porque é função da linguagem balizar a satisfação pulsional pela via da fixação em objetos privilegiados, o que equivale a dizer, em certas zonas erógenas.

Neste ponto, entendemos que a função do pai, mais do que seu lugar na família, está relacionada ao nível metapsicológico: opera como linguagem, como palavra ou cabedal de ideias que salva a criança do desamparo primordial. Diz o personagem Édipo da peça "Ovo": "as mães não nos dizem onde estamos, e nos deixam sozinhos; onde os medos acabam e Deus começa" (Forin Jr., 2018, pp. 70). A mãe nos deixa e Deus começa, recurso transcendental à palavra Pai para apaziguar o desamparo estrutural, tal qual o netinho de Freud a brincar com seu carretel nas ausências maternas. Estaria aí também a premissa freudiana de que o desamparo humano constitui a origem de todos os motivos morais (Freud, 1895/1996).

O plano da frustração, ao mesmo tempo, diz Lacan, só tem importância para nós analistas, pois para a criança sua realização é totalmente excluída e só tem valia *a posteriori*, ou seja: "a frustração, tal como é vivida originalmente, só tem importância e interesse na medida em que desemboca num ou noutro dos dois planos que distingui para vocês: castração ou privação" (1956-1957/1995, pp.100).

Assim, esse primeiro tempo lógico da constituição, representa uma simbolização primordial, através da qual aos poucos abrir-se á para a criança a possibilidade de que a mãe deseje outras coisas para além dela: "há nela o desejo de Outra coisa que não o de satisfazer meu próprio desejo, que começa a palpitar para a vida" (Lacan, 1957-1958/1999, pp.188). Essa Outra coisa é o Pai, mesmo que velado, naquilo que a envolve como toda ordem simbólica por trás dela, ou seja, o falo (Lacan, 1957-1958/1999). Faria (2017) assinala o valor de uma "*entrada potencial do pai*" (pp.175) nesse primeiro tempo, mas que por si só é insuficiente e precisará de outros elementos para constituir-se como presença efetiva ao longo do complexo de Édipo.

Desembocamos, assim, no segundo tempo do Édipo, em que a modalidade da falta de objeto irá operar de outro modo, assim como a função do pai. Lacan afirma que se no primeiro tempo haverá o surgimento do "fantasma da Onipotência, não do sujeito, mas do Outro em que se instala sua demanda", por sua vez, virá "com esse fantasma, a necessidade de seu refreamento pela Lei" (Lacan, 1960/1998, pp.828). Não podemos esquecer que a relação aí

constituída coloca a criança na posição de objeto materno, envolta num gozo mórbido implicado nessa passividade diante do Outro. O pai será aquele que oferecerá uma possibilidade de saída, visto que permite à criança utilizar o falo para situar esse gozo para além de si mesma e além das soluções alucinatórias.

O segundo tempo do Édipo é o tempo de saída da criança desse acoplamento, que significa o abalo da captura narcísica em que ela está identificada ao falo materno. Porém, isso implica que o Outro materno é, ele mesmo, quem será destituído de seu lugar. É aí que o pai fará sua entrada de maneira menos velada. O pai não é a única coisa que retira a mãe da criança e vice-versa. Porém é através da significação fálica operada aí que a criança pode sair de uma série infinita de deslocamentos a respeito do que significa o enigma do desejo materno. Além do mais, Lacan (1957-1958/1999) é claro em dizer que a relação da criança ao pai é menos com a pessoa do pai do que com sua palavra. Por isso é que o pai não pode ser qualquer coisa, posto que não é qualquer coisa que distrai a mãe que tem o dom da fala. Não é indiferente que haja pai/homem da mãe ou não nessa dialética, embora a clínica com crianças demonstre que a presença efetiva da pessoa do pai não garante o exercício da função e nem a ausência garante a inoperância da função.

A mãe, neste momento será aquela que pode ou não estar presente, operação de idas e vindas que vai instaurar o enigma do desejo materno: *Che Vou?*. Não podemos nos esquecer, que todo o jogo de presença/ausência tem sido responsável por fazer a criança recorrer ao símbolo, desde a experiência de satisfação. A criança que questiona "o que quer essa mulher?" só pode ser uma criança que está familiarizada com o uso do pensamento para "soluções de satisfação", digamos. A pergunta não pode ser formulada fora dessa dialética de presença/ausência, que está presente desde o início mas que só num segundo tempo pode ser elaborada pela via do pensamento. É nesse contexto, em que a mãe deseja para-além, que institui-se a categoria da falta chamada *privação*, operando a passagem do primeiro ao segundo tempo.

Essa categoria é central para o que se segue. É aqui que o objeto da falta ganha consistência como algo que falta ao Outro e somente assim instala num outro lugar um *x*, ou seja, trata-se aqui da privação materna. Privação materna, que por sua vez, incide, na posição fálica da criança, desalojando-a da imagem narcísica ideal. Aqui a falta é real, como dado da realidade, a mãe, como real, falta à criança (Faria, 2017). Digamos que do primeiro tempo ao segundo, o Outro que era A passa a A barrado. Em contrapartida, retomando o que dissemos há pouco, "a ausência de alguma coisa no real é puramente simbólica. É na medida em que definimos pela lei o que deveria estar ali, que um objeto falta no lugar que é seu" (Lacan, 1956-1957/1995, pp.38).

É a partir deste tempo então que o pai entrará como metáfora, na medida em que, ao final, *ele se faz preferir à mãe*. A metáfora é uma operação languageira de substituição de

um significante por outro. Neste caso o Nome-do-Pai substitui o desejo da mãe durante o processo de investigação infantil sobre o enigma das ausências e da privação materna. É como perguntar “quem é o responsável por essa confusão toda?”. As consequências dessa fase e dessa modalidade da falta e de entrada do pai são muitas. Ao final do Édipo o pai ocupa um lugar privilegiado que opera diferencialmente para meninos e meninas, conforme tentaremos demonstrar.

### **Complexo de Castração, metáfora paterna e significação fálica**

Neste ponto começamos a adentrar alguns pontos através dos quais ~~o~~ a função do pai se relaciona diretamente às duas problemáticas desse artigo: constituição e sexuação. Essa função é considerada por Lacan como central no campo do complexo de Édipo, que tem por sua vez “uma função normativa, não simplesmente na estrutura moral do sujeito, nem em suas relações com a realidade, mas quanto à assunção de seu próprio sexo” (Lacan, 1957-1958/1999, pp.170-171). Tal assunção - pelo sujeito de seu próprio sexo - guarda relação direta com o que Lacan também cita nesse momento sobre a genitalização. *Genitalização* é um termo que nos importa muito na discussão aqui proposta, pois ao tomar a criança pequena como um apanhado de pulsões parciais fica a questão de saber como a satisfação, vivida assim de modo fragmentado e plural, pode unificar-se numa identidade sexuada e numa escolha de objeto. Em Freud poderíamos interrogar como as pulsões parciais se unificam e se subordinam à primazia genital (Freud, 1923/2011).

Segundo Soler (2005) o Édipo freudiano vem responder ao enigma de como o polimorfismo das pulsões parciais pode ao final conduzir ao parceiro do outro sexo:

Se o macho não basta para constituir o homem, nem a fêmea, a mulher, de que modo se instaura o que aparece como norma heterossexual? Essa pergunta pode ser formulada a partir de Lacan: como é que a linguagem que produz o sujeito como falta-a-ser também o dispõe a consumir as finalidades da vida, apesar do efeito de descaracterização instintual que ela gera? É a essa pergunta que responde o Édipo freudiano (pp.16).

A partir do Édipo “Freud dá consistência a um Outro do discurso. Um Outro que ata suas normas, seus modelos, suas obrigações e suas proibições à identidade anatômica” (Soler, 2005, pp.136), erigindo assim semblantes mais ou menos apropriados para ordenar a relação entre os sexos. A respeito da função normativa do Édipo, afirma Lacan (1957-1958/1999), ela será “aquilo que faz com que o homem assuma o tipo viril e com que a mulher assumam um certo tipo feminino, se reconheça como mulher, identifique-se com suas funções de mulher. A

virilidade e a feminização são os dois termos que traduzem o que é, essencialmente, a função do Édipo” (pp.171).

Assim, o Édipo, naquilo que diz respeito ao sexo, está diretamente relacionado ao complexo de castração e ao que neste momento do Édipo está ligado à categoria da falta chamada por Lacan *privação* e, posteriormente, à *castração*.

Nossa compreensão até o momento é que a problemática freudiana que concerne ao complexo de castração diz respeito às duas modalidades da citadas acima: *privação* e *castração*, o que implica que o complexo de castração opera a passagem do segundo ao terceiro tempo e, como consequência, dá o tom para as saídas possíveis do Édipo.

Para Lacan no texto *A significação do falo* (1966/1998) o complexo de castração tem função de nó:

1. Na estruturação dinâmica dos sintomas, no sentido analítico do termo, quer dizer, daquilo que é analisável nas neuroses, nas perversões e nas psicoses;
2. Numa regulação do desenvolvimento que dá a esse primeiro papel sua *ratio*, ou seja, a instalação, no sujeito, de uma posição inconsciente sem a qual ele não poderia identificar-se com o tipo ideal de seu sexo, nem tampouco responder, sem graves incidentes, às necessidades de seu parceiro na relação sexual ou até mesmo acolher com justeza as da criança daí procriada (pp.692).

Rabinovich (2005) ressalta o valor da palavra “nó” utilizada por Lacan. Ela adverte que não se trata ainda das referências ao nó borromeano, mas que essa palavra “marca um dos principais problemas da função fálica, uma vez que o falo se caracteriza por ser um ponto de encruzilhada (...) um ponto para o qual caminhos distintos convergem” (pp.9).

Lacan dá três coordenadas a partir das quais podem se orientar as pesquisas a respeito da sexuação:

1. A instalação do sujeito numa posição inconsciente sem a qual não poderá identificar-se com o tipo ideal de seu sexo;
2. Responder ao parceiro na relação sexual em termos genitais, e
3. Acolher a criança daí procriada, ou seja, ocupar a posição parental que lhe cabe.

Optamos aqui, nesse ponto do texto, fazer um retorno a Freud para recuperar pressupostos fundamentais que articulam o complexo de castração, a diferença sexual anatômica, a significação fálica e, por fim, seus efeitos na instalação de uma posição sexuada.

Não fui eu quem inventou que ele [o sujeito] não se introduz nisso sem que aí venha desempenhar um papel de primeiríssimo plano o órgão sexual masculino. Esse é o centro, o eixo, o objeto de tudo o que se relaciona com a ordem de acontecimentos, bastante confusos e mal discernidos, convém dizer, a que chamamos complexo de castração (Lacan, 1957-1958/1999, pp.205).

O complexo de castração é articulado por Freud em relação direta à descoberta da diferença sexual anatômica entre os sexos. Essa questão é de tamanha importância para Freud a ponto dele afirmar que talvez a definição mais acertada de sexual seja “tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos” (Freud, 1917/1996, pp.309).

Buscamos aqui justamente investigar o alcance dessa problemática no que se refere à assunção de um sujeito do inconsciente, portanto, constituído a partir da metáfora materna e posicionado em um dos lugares sexuais: “o que não significa que a posição inconsciente seja sexuada” (Rabinovich, 2005, pp.12). Partimos da premissa de que para que ambos os processos cheguem a seu termo - constituição e sexuação - é preciso a passagem daquela primeira identificação fálica para aquilo que chamaremos com Lacan de significação fálica, responsável por regular a pulsão à maneira feminina ou masculina. Nossa aposta será de que mais do que interpretações, o feminino e o masculino correspondem a modos de regulação pulsional, que não são sem relação com a anatomia. Esse é um ponto de inúmeras controvérsias na comunidade psicanalítica: quanto podemos prescindir da anatomia para o exercício das posições sexuadas? Ao tentar articular Freud e Lacan é inevitável que se institua para o leitor um ponto enigmático entre as relações pênis-falo.

Que o falo não seja o pênis, não quer dizer que é sem pênis que se constitui a significação fálica. Não é sem corpo que um sujeito pode dizer-se homem ou mulher, ainda que possa transgredir de muitos modos a norma comum dos corpos e gênero. Assim, enveredamos agora à moda Lacaniana, que é freudiana, pelos caminhos do complexo de castração e seus desdobramentos. Como a contingência anatômica fará destino, ou qual destino o sujeito poderá dar a tal contingência? A célebre frase de Napoleão citada por Freud (1923/2011) de que a anatomia é destino já rendeu aos analistas muito o que falar. De nosso lado, cremos que a frase é verdadeira, na medida em que não há como não responder à anatomia, e por outro lado, não tão verdadeira, já que anatomia pode ser considerada mais como origem do que pela via do destino. Ainda assim, se os seres sexuados têm escolha, eles não tem a escolha de não escolher (Soler, 2006).

### **Consequências psíquicas**

Que consequências podemos extrair ainda hoje dos textos freudianos a respeito da constituição de uma posição sexuada? No segundo tempo do Édipo a diferença sexual anatômica faz sua entrada no campo de problemáticas da criança, trazendo à baila o ponto de tensão - conjunção e disjunção - entre o falo e o pênis. Encontramos em Freud apenas uma referência ao termo falo, pois de modo geral utiliza-se dele de modo a adjetivar: fase fálica, período fálico, etc. Foi em 1923, em *Organização Genital Infantil*, que declarou que a principal diferença entre a sexualidade infantil e a do adulto é que nas crianças, “para ambos os sexos,

apenas um genital, o masculino, entra em consideração. Não há, portanto, uma primazia genital, mas uma primazia do *falo* (Freud, 1923/2011, pp.171[grifo do autor]).

Havia, até então, concorrência das zonas erógenas parciais e participação delas no modelo de apreensão da realidade: quando uma criança pensa que os bebês são ejetados pelo ânus como as fezes, ela retira essa interpretação da realidade de sua própria vivência anal. Isso quer dizer que as mudanças ou prevalências das zonas erógenas implicam mudanças na apreensão da realidade. Cabe aqui interrogar quais os efeitos de realidade da significação fálica, dado que, inclusive, reverbera em questões de estrutura, posto que nas psicoses ela fica “de fora”, digamos.

Pois bem, o que Freud demarca no trecho supracitado é que no plano de representação inconsciente não há dois genitais, mas apenas um. E isso, mais do que representar uma denegação da realidade, parece representar um impossível de abstrair no que se refere aos genitais femininos: “em tudo isso o genital feminino não parece ser jamais descoberto” (Freud, 1923/2011, pp.175). O genital masculino adquire por sua própria constituição alto grau de importância, “essa parte do corpo que se excita facilmente, se modifica e é tão rica em sensações” (Freud, 1923/2011, pp.172).

A fase fálica é assim chamada pelo valor atribuído aos genitais, dado que essa região corpórea está neste momento investida de libido, devido à sua característica excitável. Para o menino, seu pequeno pênis; para a menina, o clitóris, seu equivalente. Freud adverte que o caminho da menina é mais tortuoso que o do menino, visto que para que ela aceda à feminilidade normal, terá de mudar de zona erógena - do clitóris para a vagina - e também de objeto, visto que a mãe, para ambos os sexos é o primeiro objeto de amor (Freud, 1925/2011).

Juntamos a isso “a ignorância da vagina” e começamos a vislumbrar o osso da posição feminina: ela deve transitar de uma satisfação fálica, clitoridiana, ativa tal qual a do menino para... lugar nenhum. Se exploramos ainda mais esse ponto, notamos como a passagem a feminilidade é duramente experimentada pela menina, não somente pela ferida narcísica que vai se instalar aí, devido a percepção de que ela “se deu mal”, mas porque para fazer tal passagem ela terá de *abandonar* sua sexualidade fálica/clitoridiana, o que sabemos, não se faz por completo.

A descoberta sexual é rica de consequências. No caso da menina, “ela nota o pênis de um *irmão* ou *companheiro de jogos, flagrantemente visível e de tamanho notável*, reconhece-o de imediato como superior de seu próprio órgão pequeno e oculto, e passa a ter inveja do pênis” (Freud, 1925/2011, pp.290 [grifo nosso]). Notemos que a menina repara no pênis de seu companheiro de brincadeiras, ou seja, seu semelhante. Freud enfatiza o valor visível da diferença, reforçando que está em jogo o caráter escópico da descoberta.

Chama-nos a atenção a diferença de conduta de ambos os sexos diante da descoberta da diferença anatômica. Se, por um lado, os meninos denegam, desmentem, fingem que o

pênis da menina crescerá mais cedo ou mais tarde, utilizam-se de todo tipo de subterfúgios para fingir que não viram o que viram, por outro, a menina “viu, ela sabe que não tem e quer ter” (Freud, 1925/2011, pp. 291). Isso é bastante ilustrativo se observamos como homens e mulheres costumam se portar na vida amorosa. Muitos homens fingem-se de bobos e recusam-se a ver o que está diante de seus olhos. As mulheres, por sua vez, veem “pelo em ovo”. Não queremos aqui fazer uma clínica de condutas, apenas demarcar que se subsiste algo de clássico na vida amorosa, isso deriva das consequências do complexo de castração.

Dessa descoberta, ninguém sai ileso. A menina pode fazer de tudo, menos aceitar a castração. Ela se revolta, se aferra à masculinidade e, segundo Freud (1925/2011), seu desejo de ter um pênis persiste no inconsciente por muito tempo. Ela terá de lidar com as consequências da *Penisneid*, inveja do pênis: ferida narcísica, cicatriz, sentimentos de inferioridade, ódio dirigido à mãe. Cultiva por si mesma o mesmo desprezo que o menino. Este, por sua vez, poderá cultivar aversão e desprezo pela criatura assim mutilada.

Além da ferida narcísica já citada, Freud aborda outras consequências da inveja do pênis: o afastamento da menina em relação à mãe, que se torna depositária do ódio da filha devido à sua condição de castrada. Por fim, ele cita também a eliminação da sexualidade clitoridiana, portanto, masculina, como condição para o posterior desenvolvimento da feminilidade. Atenção! Isso significa que a menina tem de *abandonar* sua sexualidade vigente até então. Há aqui uma onda repressiva, em que podemos supor uma repressão *a-mais* para a feminilidade: “vocês percebem que uma onda de desenvolvimento assim, que remove a atividade fálica, aplaina o terreno da feminilidade. Se nisso não se perder muita coisa mediante a repressão, essa feminilidade poderá ser normal” (Freud, 1933/2010, pp.284). Ou seja, é preciso uma onda repressiva sobre sua sexualidade masculina, porém que nesse caminho não se perca tanto a ponto de que venha a ocorrer o abandono total do exercício da sexualidade.

Impossível não se sensibilizar com o trágico destino feminino assim expresso por Freud. Temos que reconhecer que não deve ser pequena a decepção que a menina encontra ao se deparar com a “mixaria” que tem no lugar dos genitais, de modo a abdicar de sua sexualidade clitoridiana/fálica em nome de outra coisa. Essa outra coisa, Freud dirá que se opera através da equivalência pênis-bebê e com essa intenção ela toma o pai como objeto. “Se essa ligação ao pai fracassar e tiver de ser abandonada, pode ceder lugar à identificação ao pai, pela qual a menina retorna ao complexo de masculinidade e eventualmente se fixa nele” (Freud, 1925/2011, pp.295).

É claro que já notamos com Freud que esses destinos muitas vezes coincidem e são incompletos, além de, evidentemente, ter a frustração desse desejo de receber do pai um filho, uma vez que isso, na melhor das hipóteses, permanece interdito. Se um pai assim o fizer, ele não estará mais na sua posição de pai. Cabe aqui nos perguntarmos quais os destinos do *Penisneid* e também do desejo de ter um filho do pai. Atualmente é comum no discurso

feminino que a maternidade não só pode ser questionada como cada vez mais mulheres não estão interessadas em ser mães. Para onde vai o desejo infantil assim elaborado? Constitui traição ao desejo que as mulheres queiram fazer outras coisas com sua vida? Esse desejo está aí para ser realizado? "O filho decerto é um *a* possível para uma mulher" (Soler, 2005, pp.35), mas segundo autora, isso não se constitui como saída necessária, visto que só é necessário o que não se pode evitar.

Quanto às questões do Édipo feminino, poderíamos fazer um trabalho inteiro somente sobre os destinos do *Penisneid*, os destinos da equivalência pênis-bebê e, por fim, os destinos da ignorância da vagina. Em relação a este último, quais as consequências de que o órgão feminino permanece velado para ambos os sexos? Estaria essa ignorância no fundo da frigidez que costuma acompanhar as meninas nas primeiras experiências sexuais? Por dedução lógica, poderíamos pensar assim: as zonas erógenas do corpo se constituem a partir do processo de corte significativo que opera as quedas de objeto. Deste modo, notamos que as zonas erógenas que se destacam, o fazem ao preço do rebaixamento das zonas conexas, tal qual Lacan aponta no seminário 10. Pois bem, essas zonas erógenas são tocadas pela ritmicidade da presença e ausência da satisfação, mas a vagina, esta permanece fora dessa ritmicidade. Não me parece absurdo sugerir que isso mantém a vagina e sua região interna como "zona morta", "dessignificantizada", inexistente, por um longo período da vida sexual feminina, e que só poderá existir aí após o início da vida sexual. Poderíamos pensar numa queda tardia do objeto?

Coelho dos Santos (2009) sugere que na passagem à puberdade será preciso um "salto lógico" para que o sujeito possa aceder às identificações sexuadas; esse salto seria o de superar a ignorância da vagina. A sacada da autora - recuperando um comentário de Lacan sobre Piaget no seminário da angústia (1962-1963/2005) - é apontar que a descoberta da vagina como orifício passa pela possibilidade de abstração da função do vazio. "É preciso que entre em jogo a função essencial do vazio para que se possa entrar no universo dos semblantes - isto é, dos papéis sexuais na encenação da vida amorosa - por uma via diferente do imaginário" (Coelho dos Santos, 2009, pp.11-12).

No seu percurso, a menina fará a entrada no Édipo dirigindo-se ao pai após a decepção com a mãe, na esperança de receber dele uma restituição fálica. O menino, por sua vez, após a visão dos genitais femininos dará ênfase à fantasia de castração, julgando estar ameaçado. Diante da ameaça de castração e interessado em preservar o valor narcísico de seus genitais, ele se afasta da mãe e toma o pai por ideal, saindo do Édipo, através da produção de um supereu derivado dessa relação identificatória (Coelho dos Santos & Lopes, 2013). É, portanto "pela identificação ao pai que a virilidade é assumida" (Lacan, 1957-1958/1999, pp.179). Aqui temos mais uma vez a dissimetria instalada entre as saídas feminina e masculina, pois, à menina a identificação ao pai não lhe dá seu destino feminino. Muito pelo contrário, podemos reparar nos casos freudianos, como Dora e Elizabeth, que a prevalência de tal identificação só

fez dificultar o acesso à posição feminina propriamente dita. Como produto dessa dissimetria temos a problemática da identificação e do supereu femininos.

Desse percurso deve resultar a saída da criança do complexo edípico através da escolha de uma das duas alternativas: fálico ou castrado. Disso decorre a afirmação freudiana de que há apenas um genital em jogo, pois há apenas uma moeda corrente com sua dupla face: fálico/castrado, a vagina não faz parte das alternativas.

Quando Freud utilizou o termo "falo", Lacan o destaca, ele o fez tendo conhecimento do que era essa referência dentro do mundo da mitologia. Neste universo, o falo é representado pelo pênis ereto, mas isso não designa apenas sua função de fertilidade, potência e até amuleto, mas traz no bojo dessa potência sua detumescência. O falo é o pênis enquanto órgão que pode faltar (Bonfim, 2014). Por isso, a passagem pelo segundo tempo do complexo de Édipo deixa como cicatriz a lógica fálico/castrado. O falo será o elemento simbólico em torno do qual a sexualidade se organiza por meio dessa antítese: "o falo é o significante da diferença sexual perante o qual os sexos se dividem entre masculino (ter o falo) e feminino (não tê-lo/sê-lo). A sujeição à lógica fálica sujeita à lei da castração homens e mulheres" (Coelho dos Santos, 2001, pp.151, n.23). O sentido sexual imposto pela significação fálica tem um papel fundamental na regulação da satisfação pulsional, na medida mesma em que o falo é o significante que une corpo e linguagem.

Tocamos brevemente acima numa das saídas da menina frente à descoberta de não ter o falo: sua conversão em ser o falo, não à moda do primeiro tempo, mas numa estratégia de fazer-se aquilo que falta ao Outro, falicizando-se.

Lacan (1957-1958/1999, pp.179) interroga "como é que o pai se faz preferir à mãe, na medida em que é por aí que se produz a saída do complexo de Édipo?". Que a menina se volte ao pai é mais fácil de compreender, e até que o menino se identifique a ele querendo extrair do ideal as insígnias da virilidade também não parece estranho. Porém, há algo que para nós ainda permanece obscuro: nesse processo de o pai preferir-se a mãe, como pode um homem vir a amar sexualmente uma mulher e por qual operação ela será instalada por ele no lugar do objeto *a*? Dado que o menino despreza a menina e idealiza a mãe colocando-a para fora do campo sexual após a interdição, como poderá ele ir além do amor maternal em direção a uma mulher? Uma das respostas freudianas consta na Psicologia da vida amorosa: degradando-a. Outra questão é a respeito da menina: que ela instale o homem no lugar do falo, para dele receber o que julga de seu direito, não quer dizer que ela possa dele gozar sexualmente. Digamos, buscar o falo no outro não lhe deixa mais perto da descoberta da vagina como receptáculo do pênis, nem de usufruir de sua condição feminina.

Para Lacan é na medida em que o pai se torna o ideal do eu que se produz para a menina o reconhecimento de não ter o falo. Esse é o plano da privação: "em outras palavras, no momento da saída normatizadora do Édipo, a criança reconhece não ter - não ter realmente

aquilo que tem, no caso do menino, e aquilo que não tem, no caso da menina" (Lacan, 1957-1958/1999, pp.179). É, portanto, do complexo de castração que depende que um menino se transforme em homem e uma menina, em mulher.

Uma paciente recentemente me diz algo que demonstra perfeitamente a disjunção entre pênis e falo: *meu pai tem pênis, mas não tem o que vem junto com o pênis. Minha mãe, não tem pênis, mas tem poder. Eu, não tenho pênis e não tenho o que vem junto.* Essa moça, que não é da área da psicologia, tem um sintoma urinário por ela chamado "o negócio do xixi". Impossível não ver a menina freudiana aí. No entanto, "sabemos que o pênis não é o falo, mas convenhamos que, ao dizer falo, temos uma mola para pensar a diferença sexual" (Berta, 2017, pp.134).

Desta feita, a privação constata: não tem. Resultando daí para a menina, segundo Lacan (1957-1958/1999) "um pequeno amargor na boca, ao qual se dá o nome de *Penisneid*" (pp.179). Temos então estreita relação entre a metáfora paterna e a privação, que não somente representa o enigma para o desejo da mãe, que encontra no falo sua resposta, como também representa que o pai se faz preferir à mãe. O pai aqui é o privador da mãe:

o pai como aquele que priva a mãe do objeto de seu desejo, a saber, o objeto fálico (...) Vocês sempre constatarão, na experiência, que o sujeito posicionou-se de uma certa maneira, num momento de sua infância, quanto ao papel desempenhado pelo pai no fato de a mãe não ter o falo" (Lacan, 1957-1958/1999, pp. 191).

Lacan continua, explicitando que é inicialmente no plano da privação da mãe que a questão se desenrola. Que num dado momento, se coloca para o sujeito "a questão [de] aceitar, de registrar, de simbolizar, ele mesmo, de dar valor de significação a essa privação da qual a mãe revela-se o objeto. Essa privação, o sujeito infantil a assume ou não, aceita ou recusa" 1957-1958/1999, pp. 191). Assim, a condição da entrada do pai é a castração materna, e não o contrário.

Pois bem, se a criança não aceita isso, ela permanece na identificação fálica ao objeto da mãe. Se ela aceita, terá que sair da posição de ser o falo para o dilema de tê-lo ou não, transformação que se dá pela via do complexo de castração. Essa passagem demarca o ingresso no terceiro tempo do Édipo, pelo qual o pai, em condições normais, entrará em jogo como aquele que tem, inaugurando propriamente o tempo em que a modalidade da falta do objeto é a castração.

Desses e de outros processos depende que um sujeito possa instalar-se numa posição inconsciente que vai lhe abrir o campo das identificações, que muito provavelmente serão postas à prova no período da puberdade. No encontro sexuado o sujeito masculino lançará mão dos títulos de propriedade herdados do pai para saber mais ou menos o que fazer diante do

outro sexo. Notemos que o instinto abandonou o falante, sua herança vem do Nome-do-Pai. A menina, por sua vez, terá um trabalho árduo de inserir a vagina em sua consideração, digamos.

O que vem a ser o falo nessa história toda? É o significante privilegiado que conjuga a intersecção entre os campos da pulsão e da linguagem de modo a permitir que o gozo seja encaminhado, via desejo e sublimação, pela operação da metáfora paterna e seu produto, a significação fálica. Sua entrada depende das inúmeras facetas do pai, cujas funções Coelho dos Santos et al. (2013) enumeraram assim: o pai tem a função de reparar o dano propiciado pelo vínculo primordial à mãe; ele promove a identificação; indica o caminho da satisfação sublimatória, na medida em que interditando a satisfação incestuosa orienta novos caminhos para a satisfação; regula a maturação sexual e, por fim, instaura a verticalidade das relações e a dessimetria dos gozos feminino e masculino.

Concluimos que, nesse momento dos desenvolvimentos teóricos de Lacan, seguindo as pegadas freudianas, a sexuação é regida pela norma fálica, cujos destinos ficam prioritariamente circunscritos às modalidades de interpretação pela via do mais falo ou menos falo. Assim, os meninos são alocados, de modo geral no terreno dos ameaçados e prudentes frente à ameaça de castração e ao desejo. As meninas, por sua vez, transformam-se em grandes reivindicadoras da justiça distributiva, sedentas de compensações pela via do amor. Isso está longe de constituir todo o campo da sexuação inventado por Lacan e até mesmo por Freud, mas constitui ponto de partida para as elaborações que se seguem.

### **Desdobramentos futuros**

Notamos que até agora, o foco dos desenvolvimentos freudianos e até lacanianos a respeito das consequências do Édipo giram em torno das possibilidades de interpretação da criança pequena a respeito de sua realidade sexual. Dissemos anteriormente que a criança interpreta essa realidade também a partir do real do corpo. O que se coloca em nosso horizonte é que a questão da diferença sexual e da sexuação - que no último ensino de Lacan serão abordadas a partir do quadro de fórmulas da sexuação - extrapolam o campo da interpretação edipiana. Existem na propriedade dos corpos - feminino e masculino - limites aos modos como os sujeitos podem regular o gozo? O que nos sugere, que por fim, feminino e masculino serão definidos por suas modalidades de regulação pulsional. Se permanecemos no campo dos semblantes, estaríamos sugerindo uma identidade sexual totalmente "Outrificada", e teríamos que considerar que "a diferença entre os sexos não é semelhante" (Soler, 2006), ela se inscreve no real. "Tornar-se homem ou mulher requer ir além do Édipo, retornando ao campo da pulsão" (Coelho dos Santos, 2009, pp.13).

Essas e outras questões ficam como horizonte para desenvolvimentos futuros.

### **Referências Bibliográficas**

- Berta, S.L. (2017). Os seres sexuados se autorizam por si mesmos. In: Mariano Daquino (Org.). *A diferença sexual: gênero e psicanálise* (Org.). São Paulo: Agentes Publicações, 2017.
- Bonfim, F.G. (2014, jul-dez). Perspectivas sobre o escrito lacaniano: a significação do falo. *Analytica* [online], 3(5), 157-182. Recuperado: 17 de janeiro de 2020. Disponível: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-51972014000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972014000200009)
- Borges, F.S., Costa, P.J. (2018). Um estudo psicanalítico das relações entre depressões neuróticas e desejo: aproximações possíveis. *Ágora*, 21(3), 343-353. Recuperado: 17 de janeiro de 2020. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v21n3/1809-4414-agora-21-03-343.pdf>
- Coelho dos Santos, T. (2001) *Quem precisa de análise hoje? - O discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Coelho dos Santos, T. (2009, jun/jul). Sobre a clínica da psicanálise de orientação lacaniana: dos impasses da sexuação à invenção do parceiro-sinthoma. *Ágora*, 12 (1), 9-26. Recuperado 17 de janeiro de 2020. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v12n1/01.pdf>
- Coelho dos Santos, T., Lopes, R.G. (2013). *Psicanálise: ciência e discurso*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Faria, M.R. (2017) *Constituição do sujeito e estrutura familiar*. Taubaté: Editora e livreria Cabral Universitária.
- Forin Jr. R. (2018), *Ovo*. Belém: FCP- casa das artes.
- Freud, S. (1996a) Interpretação dos Sonhos. In J. Salomão (Trad.) *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 05). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996b) Projeto para uma psicologia científica. In J. Salomão (Trad.) *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 01, pp. 335-454). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950).
- Freud, S. (2004) Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: Luiz Alberto Hanns (Trad.) *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (vol. 03, pp.63-77). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (2004). Pulsões e destinos da pulsão. In: Luiz Alberto Hanns (Trad.). *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol 3, pp.133-173) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010) Além do princípio do prazer In: Paulo César de Souza (Trad.). *Obras completas* (Vol. 14, pp.161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).

- Freud, S. (2010) Feminilidade. Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: Paulo César de Souza (Trad.). *Obras completas* (Vol. 18, pp.263-293). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2011) Organização Genital Infantil. In: Paulo César de Souza (Trad.). *Obras completas* (Vol. 16, pp.168-183). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2011) Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: Paulo César de Souza (Trad.). *Obras completas* (Vol. 16, pp.283-299). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).
- Garcia-Roza, L.A (1995). *Introdução à metapsicologia freudiana* (Vol.3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1956-1957).
- Lacan, J. (1998) A significação do falo In: Vera Ribeiro (Trad.). *Escritos* (pp.692-703). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho Original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1959-1960).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1964).
- Maroca de Castro, M. (2018) *Traços da transmissão*. (Dissertação de mestrado). Retirado do Repositório da produção científica e intelectual da Unicamp.
- Nominé, B. (2018). *Sobre identidades e identificações (conferências 2014-2015)*. São Paulo, Blucher.
- Pellió, F. (2017, dez) Objeto a e privação: Um caso de retroação significativa na teoria psicanalítica. *Ágora*, 10 (2), 203-210. Recuperado: 17 de janeiro de 2020. Disponível: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982007000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982007000200004).
- Pommier, G. (1992) *A ordem sexual: perversão, desejo e gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- Rabinovich, D. (2005). *A significação do falo: uma leitura*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Zahar.

Soler, C. (2006, out). O que você não pode escolher. *Stylus*, 13, 15-25. Recuperado em 17 de janeiro de 2020. Disponível: [https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus\\_13](https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_13)

Soler, C. (2015, jun). Nova economia sexual. *Stylus*, 30, 59-68. Recuperado em 17 de janeiro de 2020. Disponível: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676157X2015000100006&Ing=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676157X2015000100006&Ing=pt&nrm=iso)

**Citação/Citation:** de Souza Borges, F. (nov. 2018 a abr. 2019). Constituição e Sexuação: interrogações clínicas. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 14(27), 39-58. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). Doi: 10.17852/1809-709x.2019v14n27p39-58

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos.

**Recebido/Received:** 03/08/2018 / 08/03/2018.

**Aceito/Accepted:** 12/10/2018 / 10/12/2018.

**Copyright:** © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.